

O TEMPO EM PERSPECTIVA

*Antonio Pereira Sousa**

RESUMO

Este artigo é uma reflexão sobre o tempo humano. Ele expressa um interesse de compreender um tempo sendo construído, nesse jogo de permanência e mudança do corpo social em busca da realização e manutenção da vida, no entendimento de que o futuro somente será possível se escutarmos a vida, se escutarmos a história.

PALAVRAS-CHAVE: *Filosofia da História; Historiografia; Tempo Histórico.*

O homem vive uma materialidade feita de diferentes rotinas, umas simples, outras complexas, todas inventadas para permitir o viver social; mais do que isso, para encontrar o melhor modo desse viver. Para permitir essa existência, é que elaboramos os bens úteis. Precisamos nos alimentar, manter a nossa saúde, criar facilidades de comunicação, nos divertir, entre outras necessidades.

Podemos dizer que o tempo é esse domínio das astúcias, das táticas, das artes de fazer de um dado grupo social, no desejo de realizar e manter a

* Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA). Mestre em História Social pela PUC-SP. E-mail: apereiras@uol.com.br.

vida. Assim, cada grupo, em cada espaço, elabora o seu próprio tempo, sua forma de conduzir a vida com certa originalidade, dado o condicionamento que o espaço impõe no exercício do viver, a par das possibilidades concretas que se tornam possíveis. Isso nos leva a pensar que o tempo (as astúcias, as táticas, as artes de fazer), que faz a vida existir e permanecer, é plural. A vida, assim, se realiza de maneira diferente em cada canto do mundo.

O significado disso é que, para conhecermos historicamente uma sociedade, devemos compreender o modo de ação que foi construído pelos grupos na individualidade da realização específica de sua luta pela vida, ou, dito de outra forma, como expressa Furet: *a idéia de uma história total é inapreensível* (1992, p. 82).

A compreensão desse tempo, desse modo como os sujeitos sociais operam as ações em busca da realização de seus desejos, é um desvendamento de sentidos e de significados que ganharam valor próprio e se fizeram cultura, permitindo diferenciar os grupos agentes, distingui-los por suas formas de efetuar o viver, e tomar esse agir como *um processo de luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais* (Levi, 1992, p. 136).

Estamos falando de um tempo plural, de uma cultura plural. Estamos reconhecendo que cada grupo, maior ou menor, em cada canto do mundo, constrói socialmente o seu jeito de ser. Constrói o seu tempo, e, assim, a história, como narrativa do vivido, sendo o que é, uma compreensão das ações sociais dos indivíduos e grupos, alcança maior inteligibilidade se sua abordagem focar a singularidade da realização dos diferentes grupos, ao permitir a verticalização do conhecimento de seus feitos, daquelas ações significativas que fizeram a vida fluir. Na perspectiva de Geertz:

Olhar as dimensões simbólicas da ação social - arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum - não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio deles (1989, p. 82).

Lidar com esses tempos plurais, instituídos no campo de lutas circunscritas ao cotidiano dos diferentes grupos, é reconhecer correta a tese defendida por Reis, segundo a qual: *a terceira geração dos Annales teria realizado e radicalizado o projeto inicial, pois, hoje, ela problematiza e estuda “tudo” e não mais o “todo”* (1999, p.

82). Esse processo, ao dilatar o campo da história, abrigou tantas outras questões que Le Goff e Nora (1988) o denominaram de *novos problemas, novas abordagens e novos objetos*. Agora importa compreender que o privilégio do estudo da história estende-se para o campo do social, nos seus múltiplos aspectos, como o político, o econômico, o religioso, o educacional, o familiar etc., e não se limita apenas aos grandes acontecimentos. Ali onde está o homem laborando, ali está se fazendo a história, na simplicidade das atividades do canoieiro, na aventura do homem que se remete aos espaços siderais, no conduzir do lar operário ou no ato de administrar o Estado pelos poderes constituídos de uma nação.

Esse mundo de realizações sociais, que se processa em cada espaço do viver dos sujeitos, é, já vimos, inapreensível na totalidade. O conhecer histórico, nesse caso, deve ser uma compreensão de aspectos particulares da totalidade, que facilite ao historiador saber como os homens, em culturas diferentes, portanto com outros meios, lutaram por seus valores de liberdade, direito, justiça. Nessa perspectiva, o historiador, na afirmação de Baccega, *buscando compreender o passado como construtor de nosso presente, o qual já traz em si o futuro, avalia, interpreta como ocorreram as transformações do homem no seu relacionamento com o mundo no processo de construção das sociedades* (1995, p. 65-66). Sobre esse esforço do historiador, de avaliar e interpretar o passado, nos lembra Duby (2000): *Para que escrever a história, se não for para ajudar os contemporâneos a ter confiança em seu futuro e a abordar com mais recursos as dificuldades que eles encontram cotidianamente?*

O historiador, portanto, compreende e interpreta o passado e nos faz entender a relação passado-presente. Nessa condição, assume o papel importante de *arauto*, de mensageiro desse diálogo entre os homens passados, cuja presença torna-se viva, e os homens presentes, que passam a dispor de uma referência para empreender a busca de sobrevivência em sua finitude; ou, como expressou Benjamim: *Os vivos se vêem no meio-dia da história. Eles se sentem obrigados a oferecer um banquete ao passado. O historiador é o arauto que convida os mortos para a mesa* (1992, p. 59).

Cabe acentuar que aqueles homens passados já não estão no seu tempo, realizando as atividades de manutenção da vida. O que sabemos deles, em grande parte, sabemos porque os historiadores realizaram a compreensão daquele tempo pela interpretação dos vestígios. Esses sinais da presença de homens que realizaram a vida no passado estão presentes naqueles bens úteis

que permitiram fluir a existência social do grupo, tais como a casa, a roupa, os instrumentos de trabalho, a escrita etc. O que sabemos do passado, nesse caso, ou nos vem pela transmissão oral das manifestações tradicionais dos grupos ou pelo que é dito pelo historiador, numa narrativa que reproduz muito de sua subjetividade, de seu modo de enxergar, do que ele, o historiador, é enquanto cultura de seu tempo. Ainda que fundamentada em vestígios, em documentos produzidos no calor do viver social, a história que conhecemos é uma construção mental do historiador, uma interpretação, um texto. Como afirma Jameson: *a história, a não ser sob forma textual, nos é inacessível* (1992, p. 59).

O discurso do historiador é, então, o símbolo de um tempo, representação ou substituição possível de um dado movimento da sociedade. É esse discurso que nos vai dizer o que foi a experiência social num dado momento, repassando-nos, como referência, os indicativos que emolduram nossa forma de ser hoje, nossa forma de sentir, de reagir, nosso jeito de gostar, de amar, tornando-nos conhecidos: somos brasileiros, baianos, grapiúnas. Esse exercício da história, da elaboração do discurso que nos faz conhecer um dado passado, torna-se útil na medida em que, na busca da compreensão de homens passados, revela fundamentos básicos da existência, apresenta jeitos diversos de sobrevivência, confere ao presente o dever de realizar-se, fazendo-se plataforma do futuro. A história é, nesse caso, uma atividade de conhecimento.

O historiador, por força disso, é um construtor da realidade, do vivido concreto da sociedade, do tempo que transcorreu. Ele realiza essa façanha ao organizar a forma de entender os acontecimentos que se efetivaram no exercício cotidiano do viver dos sujeitos. É ele, o historiador, quem atribui relevância aos temas, efetua a escolha dos documentos e os interpreta. É ele quem revela, por força de sua interpretação, o ser social como parte daquela totalidade que, a um só tempo, numa reciprocidade, é formada pelos sujeitos e influi na sua formação, tornando-os sujeito ativo e passivo da história, corpo inseparável dessa mesma totalidade, que mereceu de Karel Kosik a seguinte reflexão: *a totalidade do mundo compreende ao mesmo tempo, como momento da própria totalidade, também o modo pelo qual a realidade se abre ao homem e o modo pelo qual o homem descobre essa totalidade* (1995, p. 217).

No material intelectual produzido pelo historiador, no seu discurso, o tempo de homens passados se objetiva, homens que agora se fazem conhecidos

pelo que foram, pelo que fizeram, mais ainda, pela forma como sentiram o seu tempo e criaram as esperanças geradoras do futuro, ainda que o canto de Fernando Pessoa amenize o vigor epistêmico dessa construção do tempo:

*Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?
Será essa, se alguém a escrever, a verdadeira história da Humanidade.
O que não há somos nós, e a verdade está aí.
Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos,
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.*

Esse tempo humano, do qual não conseguimos nunca perceber sua realidade por inteiro, se realiza na simultaneidade do transcurso do viver. Desse modo, ele é mais do que a vida humana, é o movimento desse viver, é a vida ativa do homem que empreende ações diversas em busca de continuar vivendo.

Para garantir a vida humana fluindo, um achado importante foi o arranjo do viver em sociedade. De tal modo esse viver em sociedade se fez verdade, que, em regra, não há possibilidade da vida individual autônoma, do sujeito satisfazer por si mesmo todas as suas necessidades. E porque isso é fato, porque viver em sociedade ganhou essencialidade, ela mesma, a vida social, engendrou as diferentes formas de relação que se estruturaram nos modos conhecidos: o modo familiar, o educacional, o religioso, o trabalhista, entre outros, todos eles combinados e inter-relacionados entre si, numa interdependência que anula a hierarquia de valores, o que faz cada uma dessas estruturas ser tão importante quanto a outra. Todos esses sistemas de relações (o familiar, o educacional, o religioso, etc.), são fundamentais ao viver do sujeito porque, ao organizar a sua feição social, estimula o desenvolvimento da humanidade de cada indivíduo, em um processo de defesa do aperfeiçoamento daquelas relações de modo a possibilitar um melhor usufruir da própria vida, no uso e gozo coletivos das diferentes conquistas dos sujeitos sociais.

O conjunto das relações sistematizadas, que compõe cada uma dessas estruturas (familiar, educacional, religiosa, etc.), foi se instituindo no exercício desse viver empreendido pelas necessidades dos grupos, presentes as diferentes possibilidades do tempo/espço. Essas possibilidades condicionaram o

agir social nas suas formas de deliberar, associar-se, resistir, conformar-se, ancoradas vezes em relações de favor, de tutela e de dependência, vezes em força de idéias organizadas como um instrumento de luta política, de defesa do bem-comum; todas, no entanto, apoiadas nas materialidades dos instrumentos disponíveis em cada tempo, como a enxada, o trator, o computador, o telégrafo, a fibra ótica, o laser etc.

Todo esse jogo do existir, como se nota, é tempo. Tempo configurado nesses modos de viver instituídos que nos fizeram ser conjunto de relações reconhecido em forma de família, escola, religião, trabalho, entre outras instituições. Mais que isso, tempo que se transforma em possibilidades influenciadoras do agir social que decide, que aceita, que nega, que contesta, nesse envolver-se com a cotidianidade dos sujeitos sociais.

É exatamente nesse esforço de realização do cotidiano que os projetos pessoais vão ganhando corpo. Esses projetos, por sua vez, alimentam a vontade de persistir na luta do dia-a-dia, validando ou reformando os interesses iniciais, numa espécie de realimentação permanente que faz a caminhada do viver ganhar sentido. Viver, nesse caso, não é apenas contentar-se com a realização do presente, mas determinar-se na formação de um futuro; e, assim, nesse fazer-se dos indivíduos, a história se realiza, a vida social vai garantindo o seu percurso idealizado na definição de um alvo, de um ponto distante a alcançar, representado por um estágio de relações sociais mais adequado que o do presente, um tempo novo onde a vida seja mais ditosa: *O homem não pode fugir à sua própria realização. Não pode senão adotar as condições de sua própria vida* (Cassirer, 1994, p. 48).

É nessa idéia do caminhar em busca de um alvo como fundamento do viver, do realizar um percurso posto como uma essencialidade da existência social, é nessa idéia que se combinam cotidianidade e projeto, sem anular a possibilidade de retrocessos resultantes dos desvios cometidos no jogo dos interesses ideológicos e políticos. Perceber o transcurso como motor social, alimentado por esse processo de viver cotidiano e pela armação do projeto de cada um, é sentir o movimento do tempo acontecendo nas diferentes realizações dos sujeitos, é notar o carro-de-boi sendo substituído pelo caminhão como meio de transporte, a velha e amiga máquina de escrever cedendo lugar ao computador, a pedagogia do castigo abrindo espaço para o diálogo entre iguais, é enxergar o movimento social da vida se refazendo em novo

viver e em novos sonhos, como no mistério espontâneo do acontecer da natureza mãe: *A flor está sempre na semente* (Bachelard, 1993, p. 42).

A história, assim, é um jogo de permanência e mudança. Jogo que somente se mostra na simultaneidade da convivência dos componentes de tradição e modernidade, mantidos numa relação de reciprocidade em que um componente não sobrevive sem o outro, o que gera um constante movimento do tempo.

Neste sentido, então, o tempo somente se manifesta no transcurso, embora seja construído ponto a ponto, garantindo certa coerência no exercício do realizar a vida.

Cada indivíduo, desse modo, vive e compartilha lutas e sonhos mil. Um mundo de acontecimentos vai compondo o cenário desse palco do viver, que acaba transformando a vida num drama matizado de diferentes feições, num lirismo do ter e de poder usar os bens sociais de seu tempo, em sua plenitude, ou, fazendo-se tragédia, no enfrentamento de todas as dificuldades, na ausência de possibilidades de usufruir direitos mínimos, anulando esperanças e tornando o cotidiano um castigo perene. As lembranças da vida formadas no cotidiano, inscritas como memória de um viver, constituem o próprio fundo de nossa identidade individual ou coletiva, fazendo-se passado, história das experiências, das culturas, suporte do que somos.

Essas experiências, essas culturas, esses diferentes modos de exercício do viver, constituídos no passado, revelam-se na diversidade de olhares do presente.

Uma dessas formas de apresentar o passado ao presente é realizada por meio das narrativas dos poetas e escritores, almas que se desligam da intimidade maior do autor, ganham força ao fazer surgir os múltiplos sentidos e significados do que somos e do que fazemos, ao essencializar a imaginação que se forma pela percepção da vivência dos sujeitos:

Para escrever um único verso, é preciso ter visto muitas cidades, homens e coisas, é preciso conhecer os animais, é preciso sentir como voam os pássaros e saber que movimento fazem as florzinhas quando se abrem de manhã (Rilke apud Bachelard, 1990, p. 5).

Não apenas a poesia e a narrativa de ficção dão conta do que somos ao compor sentimentos que se universalizam. Outros feitos da inteligência do

homem, no seu realizar do dia-a-dia, testemunham a nossa trajetória de homens laborando, de homens rezando, conflitando, resistindo, amando: as pinturas e as fotografias. Artes estas que impõem ao tempo o imobilismo, congelando feições, formas, gestos, olhares que cintilam. Esses perfis se avultam nos testemunhos validados na ação substantivada, na casa que nos protegeu, no templo que nos acolheu, na praça que nos divertiu, no cultivo do trabalho que nos possibilitou o pão e em quantas outras materialidades instituídas nos mistérios, razões e ilusões dessa necessidade do existir.

Essas lembranças ficam escondidas nesse mundo de aparências e transparências, de livros, de construções, de teias de relações. Revelar essas lembranças é contar histórias, é perceber a vida se fazendo naquele instante da inspiração inicial, um tanto encoberta pelo véu de luz e sombras da competência interpretativa do historiador, grandeza oculta que exalta o conhecer sistematizado: *Se os homens apreendessem imediatamente as conexões, para que serviria a ciência?* (Marx apud Kosik, 1995, p. 17).

No interesse de evitar que o tempo apague tão depressa essas lembranças, garantindo seu efeito dialógico com o presente, em benefício da inteligência de tornar a vida melhor, na contraposição de que a ignorância, o não-saber, é prejudicial à sociedade, aqui e ali se instituem lugares de memória: centros históricos, centros de documentação, arquivos, museus, bibliotecas. Esses espaços não se configuram em lugares de descanso, onde a vida ganharia serenidade, imobilidade e se contentaria em ser vista e admirada. Esses lugares de memória são, antes, denúncias. Eles são o grito penoso que quer repercutir vontade de revelar-se naquilo que foi esperança daquele momento primeiro em que a vida se realizou como atividade social. Essa vontade, esse clamor, somente poderá ganhar ressonância como resultado do esforço consciente, do desprendimento dos homens presentes, no desejo de querer saber. E quantas coisas esquecemos. E de quantas coisas não damos conta. E quantos danos criamos por força disso, porque não escutamos a vida, porque não escutamos a história. No dizer de Nietzsche, *precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos que passeiam no jardim da ciência* (apud Benjamim, 1994, p. 228).

Pesquisar, querer saber, revelar o intrincado mundo que se esconde por detrás dos testemunhos preservados nos espaços da memória é empreender uma jornada longe dos devaneios do repouso; mas que se contente o

andante porque há um devaneio do homem que anda, no recompor um riso perdido, um sonho irrealizado, inscrevendo em sua alma um mapa de um passado que se torna seu, suavizado nos declives. E é preciso que muitos caminhantes se aventurem ou nenhum caminho se traçará, pois o caminho só se constrói no caminhar:

A história só é possível quando o homem não começa sempre de novo e do princípio, mas se liga ao trabalho e aos resultados obtidos pelas gerações precedentes. Se a humanidade começasse sempre do princípio e se toda ação fosse destituída de pressupostos, a humanidade não avançaria um passo e a sua existência se escoaria no círculo da periódica repetição de um início absoluto e de um fim absoluto (Kosik, 1995, p. 237).

As vidas lembradas, que se objetivam nesse encontro do presente com o passado, possibilitado pela interpretação que o historiador faz com base na leitura de documentos preservados nos lugares de memória, vivificam-se pelas narrativas e circulam na memória coletiva, permitindo-nos divisar melhor o futuro e, assim, como em repetidas vezes percebemos, o passado volta a oferecer nova oportunidade ao presente, numa espécie de oferta insistente em forma de apelo. É o tempo em perspectiva que se insinua em cada canto, em cada gesto, em cada viver. Como recomenda Brecht, na **Ópera dos três vinténs**:

*Pensa na escuridão e no grande frio
Que reinam nesse vale, onde soam lamentos.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso**: história e literatura. São Paulo: Ática, 1995.

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura,

- história e cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas, v. 1).
- CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DUBY, G. Ano 2000: na pista de nossos medos. **Folha de São Paulo**, 2000, Caderno Mais.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- JAMESON, F. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Ática, 1992.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- LE GOFF, J.; NORA, P. **História: novos problemas; novas abordagens; novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. 3 v.
- LEVI, G. Sobre a Micro-História. In: BURKE, P. **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- REIS, J. C. **A História entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Ática, 1999.

TIME IN PERSPECTIVE

ABSTRACT

This article is a reflection on human time. There is an interest in comprehending time as it is constructed in this "game" of permanence and change in the social body in search of the realization and maintenance of life, in which a future will only be possible if we listen to life and if we listen to history.